

na conquista de novos consumidores através de clientes já fieis, o desembolso foi o mínimo, pois a propagando nesta conquista foi efetuada pelos antigos clientes.

As empresas que estão sempre criando experiência agradável, e se fizer isto de maneira bem feita, poderão ganhar dimensão regional, nacional e até mesmo internacional.

*“ Num futuro bem próximo, varejistas e consumidores serão mais que vendedores e compradores. Serão amigos de ‘trabalho’ ”.*

Pine II (1999, p.68), explica que “o comércio varejista deve analisar de que forma cada cliente se relaciona com cada uma das cinco dimensões que constituem a experiência: a visão, a audição, o paladar, o olfato e o tato”. Estas dimensões são os atributos fundamentais para as empresas varejistas conquistarem os consumidores, oferecendo-lhes um cenário que encantem seus olhos, um ambiente musical que permita ao cliente uma força sinérgica que valorize os seus recursos emocionais e espirituais. A higiene e a limpeza fazem parte dessas dimensões. Muitas lojas na Semana Santa colocam seus clientes para pescar seus peixes, selecionando os de sua preferência e vivos. Isto tudo em seu ambiente de compra. Esta atitude representa outra dimensão da experiência agradável no ato de realizarem suas compras.

Os varejistas têm que criarem experiências que conecte o cliente com a marca de suas lojas para quando estas pessoas ao pensarem em fazer compras nessas empresas não se sintam obrigadas a irem, simplesmente porque lhes faltam alguns bens para suprirem suas necessidades naturais ou sociais e, sim vejam no evento uma experiência cheia de

boa vontade, porque ali, além de encontrar tudo de que precisam, irão passar momentos agradáveis. Isto permite ao varejista conquistar mais consumidores através de seus clientes leais, porque eles se tornaram tão bem psicologicamente fazendo compras nessas lojas que os mesmos transmitem este bem-estar aos demais componentes de seu ciclo de amizade.

Contudo, é preciso lembrar como diz Berry (1999, p.58), “no processo de construção de um relacionamento fiel com o varejista, o consumidor mostra a mesma exigência que tem em relação a um produto ou serviço”. A forma como o cliente percebe o varejista é o modo essencial para definir essa lealdade. A maneira desse relacionamento não se prende somente a um ato de compra e ‘cortesia’ e, sim uma série de outras variáveis, como respeito que é necessário para a formalização dessa amizade. Num futuro bem próximo, varejistas e consumidores serão mais que vendedores e compradores. Serão amigos de ‘trabalho’ ●

#### Bibliografia:

PINE II, Joseph. *A Era da Experiência*. HSM Managenent, nº 13, ano 3, p.66-70, março/abril 1999

OLIVEIRA, José Lásaro de. *Marketing: A Divulgação é Apenas um Detalhe?* Digalá, nº 10, ano 4, p.6-8, setembro/outubro 1999

BERRY, Leonard. *O Modelo Emergente*. HSM Managenent, nº 13, ano 3, p.58-64, março/abril 1999

\* TILGO CARDOSO ROSA é professor de Economia do DECON/UFPI, Doutorando em Ciências Empresariais pela Universidade del Museo Social Argentino

# A ESCRAVID

\*\* GLÓVIS MOURA

Nos últimos tempos historiadores da escravidão tentam fazer uma ‘revisão’ do que foi o modo de produção escravista no Brasil e as causas que determinam sua dinâmica, decadência e extinção. Haveria uma diferença flagrante entre a realidade da escravidão e aqueles autores que a interpretam de forma exagerada. Isto porque eram destacadas nessas obras as formas contraditórias de relacionamento senhor/escravo e expostos os métodos bárbaros usados para que a racionalidade do escravismo fosse mantida em seu nível de produção e a estabilidade social conservada.

Afirmam os ‘revisonistas’ que a escravidão no Brasil foi benigna e proporcionava aos escravos áreas e níveis de negociação (social, cultural e mercantil) o que dava às duas partes em interação a possibilidade de estratégias compensadoras capazes de preservar o escravo dos seus rigores. Por outro lado, proporcionava aos senhores a tranquilidade necessária para exercer seu papel e conseguir níveis adicionais de lucro. Tudo mais ou menos equilibrado e, se não harmônico, pelo menos consensual. Muitos chegam a dizer que os historiadores da escravidão do passado baseavam as suas conclusões nas obras dos viajantes do século XIX. Todos eles europeus, adeptos do trabalho livre e que por isso exageravam a situação do escravo no Brasil.

Em primeiro lugar é generalização inconsistente (talvez por falta de leitura dos seus textos) ver assim a posição desses viajantes. Em segundo lugar, os historiadores do passado, os quais analisaram a escravidão como um sistema cerrado de exploração econômica e extra-econômica, também recorreram a fontes primárias nos seus trabalhos, talvez até de forma mais diversificada e sistemática para tirarem suas conclusões do que os atuais. Muitos dos quais apoiados em uma

# ÃO NA ÓTICA DO ESCRAVO \*

única fonte generalizam as suas conclusões através da criação de tipologias.

Mas, o problema é outro, como veremos posteriormente. Nessa história 'revisonista' não apenas as relações senhor/escravo devem ser revistas, como, também, os quilombos, pois, para eles, não foram focos de resistência social no processo global de luta de classes, mas módulos de negociação, entre senhores e escravos. Os quilombos seriam um centro de negócios, pois "Entre Zumbi e Pai João o escravo negocia" - Eduardo Silva. Era o quilombo participando ativamente do mercado.

Essa visão 'revisonista' é uma postura ideológica (no mau sentido) contra a existência da luta de classes durante a escravidão. Ou, através de outra forma de expressão: é uma conciliação em nível teórico capaz de dar uma visão de relacionamento orgânico entre o senhor e o escravo, no qual suas funções se completariam sem contradições e confrontos relevantes. Quando muito seriam parcialmente divergentes. Ora o funcionalismo já foi chamado de aplicação do liberalismo à sociologia. E é através desta posição funcionalista que procuram rever a escravidão no Brasil.

Com a vitória do neoliberalismo na esfera econômica, claro que haveria necessidade de sua extensão à esfera ideológica na sua totalidade. Hoje, os historiadores especialmente na área acadêmica, embora não concordem publicamente com "o fim da história", invertem o problema e procuram entender o passado a partir de critérios neoliberais do presente. No caso particular da escravidão no Brasil é só a analogia que eles fazem entre o quilombo de ontem e o papel que eles atribuem aos sindicatos no presente. Ambos são centros de negociações, de barganha, de complementação orgânica do sistema, mas nunca instrumentos de re-

sistência à exploração capitalista, no presente, e ao sistema escravo, no passado. É tão visível analogia entre uns e outros segundo a ideologia neoliberal que nos eximimos de dar exemplos.

Sobre o próprio tráfico de escravos a visão neoliberal tem uma teoria: os escravos que vieram para a Afro-América no fundo dos porões dos navios negreiros tiveram a oportunidade de criar uma nova civilização, foi uma espécie de convite para que eles escolhessem a sua parceria na construção da Disneyworld. Infelizmente, como todo processo social tem o seu preço. Muitos morreram na travessia ou nas fazendas trabalhando. Venceram os mais competitivos e o que conta são os resultados.

Esta ideologia neoliberal está cada vez mais visível na produção acadêmica. E é contra essa tendência de ver-se a História passada pelos valores neoliberais de hoje que se insurge o historiador Solimar Oliveira Lima com seu livro *Triste Pampa - sobre a situação do escravo no Rio Grande do Sul*. O autor abordou o problema da criminalidade do escravo, entre 1818 a 1833. Trabalhou com 112 processos criminais envolvendo 131 escravos-réus. E é sobre esse universo que ele desenvolve sua argumentação e tira conclusões que destoam, ou melhor, desmentem esse relacionamento empático entre senhores e escravos. No particular o professor Mário Maestri, apresentador do livro, situando-o na atual produção de trabalhos sobre a escravidão, escreve: "nos últimos anos, escreve-se abundantemente sobre a benignidade da escravidão brasileira. As relações entre senhores e trabalhadores escravizados basear-se-iam em acomodações, transigências e acordos sistêmicos. Os pretensos horrores dos castigos físicos seriam exageros compreensíveis dos abolicionistas. As condições de vida e trabalho

dos cativos seriam superiores às geralmente descritas.

"Lentamente o cativo perde a pecha de regime despótico, baseado na violência e na coerção física, transmitida pela tradição e revelada por inúmeros estudos historiográficos. Em alguns casos, chega-se a delinear passagens sociais escravistas quase bucólicas. Os cativos viveriam em família, com seus filhos, trabalhariam geralmente pouco e o castigo físico seria quase uma exceção." (pág. 3).

Não é isto, porém, que o livro que estamos comentando demonstra.

O autor, analisando e interpretando o material disponível e no qual se concentrou, chega a conclusões bem diferentes. O autor, estudando a faixa etária desses escravos criminalizados, constata que eles tinham entre 14 a 70 anos. Neste conjunto, "Thomás, aos setenta 'ainda era obrigado a ganhar seu jornal de 21 vinténs por dia'. Outros tinham defeitos físicos. Dentre as cicatrizes 'eram arroladas tanto as adquiridas possivelmente, durante as jornadas de trabalho como os resquícios de doenças com ênfase na bexiga (varíola)'. Dentre os 'defeitos, apareciam calvície, 'doença nos olhos', falta de dedos ou dentes, deformação nas pernas'." (pág. 57).

Sobre a estabilidade e harmonia conjugal (casamentos entre escravos) escreve o autor "a desproporcionalidade entre os sexos foi uma constante no Brasil Colônia, de Norte a Sul. Com poucas mulheres disponíveis e grande quantidade de homens sequeiros de poder e sexo, não fica difícil imaginar o 'caldeirão fervente' que era o Rio Grande. Disputas por mulheres eram constantes e acirradas. A taxa de masculinidade nas chamadas pelotenses, por exemplo, manteve-se, sempre superior a 80%; de 1760 a 1831, alcançou

82,6%; entre 1831 a 1850 chegou a 85,7%, e até o momento da Abolição, atingiu 87,8% segundo informação de Assunção”.

A análise total de escravos-pesquisados expõe uma massa de condenados à solidão, tolhidos da convivência familiar. “Homens e mulheres, fadados a uma vida solitária. Dentre as rés, só uma era casada. Com relação aos homens apenas dez conheceram o matrimônio, um dos quais viúvo. Os dados comprovam que 91% dos escravos viviam sozinhos. Desta forma tudo indica que buscavam soluções e alternativas para o exercício da sexualidade. Aliás, sobre as alternativas sexuais dos escravos, ver por exemplo Mott”. (pág. 69)

O autor analisa também as formas de violência do escravo diante da realidade conflituosa a que estava imerso, o comportamento momentâneo na hora do delito e as possíveis inibições capazes de produzir a agressão.

É um painel dramático que o autor apresenta apoiado nos textos dos processos criminais e que descortina uma realidade nada idílica ou paternal. Pelo contrário. A pena, de 100 a 1000 açoites foram aplicadas, em 85 escravos condenados. Essas penas somaram 40.950 golpes de açoites.

Evidentemente, muitos dos condenados devem ter morrido em consequência da execução das sentenças. A pena de açoite era executada diariamente em parcelas que chegavam até 100 por dia. Esse panorama da escravidão no Rio Grande do Sul vem demonstrar como ela não era nada benigna como estão tentando demonstrar os ‘revisionistas’ da nossa história social. Como diz o autor “Não temos maiores informações sobre o comportamento do Poder Judiciário em outras regiões. Mas, ao que parece, o gaúcho foi um dos mais severos. Como descrito antes foram 40.950 açoites distribuídos como punição, equivalente à média de 2.925 por ano, durante o funcionamento efetivo da Junta, 14 anos”. (pág. 167).

Como se vê por este livro de Solimar Oliveira Lima, o qual surge num momento oportuno como restaurador da verdade, a

escravidão no Brasil nada teve de benevolente, ao contrário dos historiadores e sociólogos de plantão que querem colocar uma maquiagem cor-de-rosa para cobrir a face da verdade. Essa visão neoliberal de ver o passado de nossa história social através dos valores do presente nada mais é, portanto, do que um subterfúgio daqueles que desejam esconder a realidade de nosso passado da mesma forma como procuram esconder a realidade atual. Para eles o Brasil foi neoliberal desde as suas origens●

\* *AF ESCRAVIDÃO NA ÓTICA DO ESCRAVO* - Texto extraído, com autorização do autor, da Revista Princípios, nº 53, mai/jun/julho de 1999. Resenha do livro *Triste Pampa - resistência e punição de escravos em fontes judiciais do Rio Grande do Sul/1818-1835*, de Solimar Oliveira Lima, Editora Edipucrs e Instituto Estadual do Livro de Porto Alegre, em 1997. Professor do DECON/UFPI, Solimar O. Lima recebeu o Prêmio Açorianos de Literatura - Categoria Ensaios de Humanidade em 1998 com o referido livro.

\*\* *CLÓVIS MOURA* - Nascido em Amaranje-PI, Clóvis Moura há décadas reside em São Paulo, onde desenvolve intensa vida acadêmica como professor na área de Ciências Sociais. Na temática “Escravidão Negra no Brasil” é mestre incontestante, tendo publicado livros que hoje são clássicos, tais como: “O Negro - de bom escravo a mau cidadão” e “Rebeliões da senzala - Quilombos Insurreições Guerrilhas” ambos editados nos anos 70 pela Conquista dentro da Coleção Temas Brasileiros. Foi Clóvis que desmascarou, contrapondo-se a Gilberto Freyre e outros, a tese de que a escravidão no Brasil foi benigna graças ao ‘espírito cordial’ do Senhor de Escravos. Clóvis Moura é também poeta do primeiro time e teatrólogo, com a peça *Os Demônios* representada pelo Grupo GENT em 1971. Outros livros de Clóvis na temática referida: *A Grande Insurreição dos Escravos Baianos*, *O Papel do Negro na Emancipação da América*, *Revolutas de Escravos em São Paulo* e *O Preconceito de Cor na Literatura de Cordel*.

## ASPECTOS RELE ECONO

\**MARIA DO SOCORRO LIRA MONTEIRO*

*Na crítica de economia política, Marx buscou trabalhar a natureza da sociedade burguesa e, para tanto, utilizou como objeto de sua investigação, o capitalismo tal como existia à época, para através de análise lógico-histórica-dialética desvendar suas conexões mais profundas*

*Em sua análise, Marx realizou diversas críticas à Economia Política Clássica, entretanto discutiremos apenas três delas, que reputamos como importantes.*

*1 - Para a EPC a força motora da riqueza se encontra no egoísmo, como qualidade inata dos indivíduos, e por isso se constitui no centro a partir do qual se constrói a sociabilidade, se edifica a sociedade. Esta qualidade significa que, cada indivíduo ao atender seus interesses particulares, estaria também beneficiando o outro, na medida em que sua atividade e carências dependem da atividade e satisfação dos desejos e carências dos outros indivíduos, dessa forma, a reciprocidade assume a forma de um relacionamento social fundado na lei de troca das mercadorias. De sorte que, todos realizam, sob os auspícios de uma razão invisível - o mercado-, o bem comum de todos.*

*O mercado surge, então, como algo natural, como produto da propensão natural dos indivíduos à troca. Assim, se a cada indivíduo for garantido a liberdade de agir por conta própria, e o estado não intervir na economia, cada país poderia atingir o pleno desenvolvimento econômico e com ele o bem estar geral da sociedade. É isso que revela o princípio da mão invisível.*

*Como os indivíduos produzem mercadorias para serem trocadas no mercado, eles se reportam uns em relação aos outros enquanto proprietários de mercadorias, que vendem seus produtos e através da venda obtém aqueles que são necessários à satisfação de suas necessidades. Por conseguinte, esta*